

O Comboio em Portugal

A Vida, Património e Memória do Caminho de Ferro

www.ocomboio.net

Casa de Turismo - Resende
17 de Setembro a 01 de Outubro de 2005

Máquinas da Civilização e do Progresso

28 de Outubro de 1856

-“Um comboio, vindo de Lisboa, acaba de entrar na linha 1, aqui, no Carregado”!

A Máquina, vinda de Londres, demorara 30 anos a chegar a Portugal.

À bênção do Patriarca de Lisboa, em Santa Apolónia, à beira do Tejo, na presença do rei, da rainha e dos ministros, assistiu uma incontável multidão de curiosos, que torneavam o aparelho, impacientes, desconfiados, quase incrédulos.

No percurso daqueles poucos quilómetros, à beira daquela parelha de ferros estendidos pelo chão, aqui e além, grupos de curiosos perguntavam uns aos outros:

- Onde irão escondidos os cavalos?... Devem ser muitos!... Têm que ser muitos!...

Aquele enorme dragão de ferro preto, uivando como lobos, vomitando pelas ventas fogo vivo, lançando rolos espessos de fumo nos céus despovoados do vale do Tejo, deslizava a custo, tropeçando aqui, e parando além...

Para chegar ao Carregado, fora um martírio! A Máquina, frágil e elemental ainda, não tinha vigor e força e, aqui e ali, houve necessidade de largar uma, outra, e mais outra carruagem!

- Se for preciso, a gente vai ajudar o bicho! A gente empurra-o, se for necessário! – dizia o povoleu, gozando!

A fraqueza era apenas aparente! Embora tímido, e encapuçado, o progresso entrava no país pela porta grande! Girândolas de foguetes subiram então, nos céus daquela aldeia de Alenquer. Era Portugal a abrir-se ao mundo!

15 de Julho de 1879

-“Senhores passageiros, vai dar entrada na estação de Arêgos o comboio n.º 1, vindo de Campanhã”!

- Maldito bicho! – resmungavam os homens dos rabelos.

- O comboio vai fazer à gemnte o que fez à feira de Panóias: acabou com ela”!

De nada valeram os assaltos à linha, pela calada da noite, para que o intruso não viesse!

Aquela serpente negra, empanturrada de água e de carvão,
arrastando-se sobre o ventre, arremessando fumaradas com a boca,
passou a vir todos os dias Douro acima, mirando-se nas águas do rio,
furando aqui e além como toupeira, saltando nas alturas fundos vales,
e vencendo inóspitos e difíceis desfiladeiros.

A força do progresso é como a força da água: ninguém lhe resiste
por muito tempo.

Alijada a carga e substituídas as gentes (saíam umas e entravam
outras) ouvia-se na estação um toque de sineta, seguia-se o timbre
duma buzina, depois o som agudo de um apito e, finalmente, dois
silvos estridentes da máquina, lá na frente, misturados com duas
baforadas de fumo negro que subiam pelos vinhedos das encostas.

E então, arrastando-se com alguma lentidão inicial, o comboio
seguia à Régua e ao Pinhão, ao Tua e ao Pocinho, e daí, à Espanha; à
França, a todo o mundo.

O monstro, insensível aos problemas alheios, tirou o pão a
caminheiros, a carrejões, a almocreves, a carreteiros, e a muitos
marinheiros dos rabelos, mas tornou-se a imagem e o anúncio do
progresso. Os seus vagões romperam as fronteiras, destruíram os muros,
levaram e trouxeram gente, mercadorias e ideias, e o mundo tornou-
se mais pequeno e mais igual.

“E tudo vai seguindo o misterioso rumo
À formidável luz de mil inovações
Ao ruído dos comboios que, entre nuvens de fumo,
Conduzem o progresso através das nações”!

(Guilherme Braga, in Heras e Violetas – 1869)
Recolha realizada por Joaquim Correia Duarte

01 - O Largo da Estação de Tadim a 13 de maio de 2004

02 - O Comboio no Douro

03 - O Fogo e o Aço na Nova Estação de Braga

04 - O Comboio no Douro

05 - O Comboio na Praia de Espinho

06 - O Comboio no Porto

07- Os Ferroviários em Nine, 2001.

08 - O Comboio no Porto

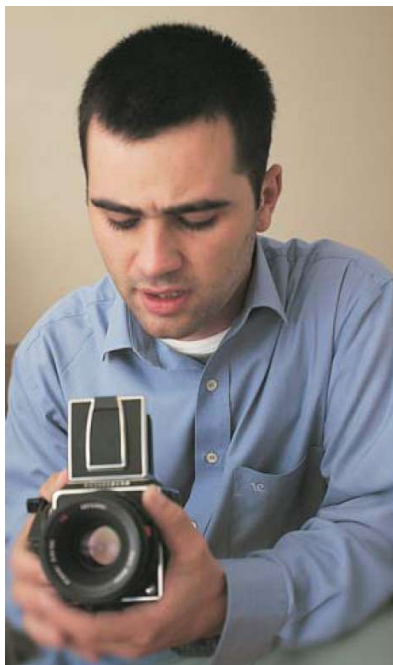
09 - O Comboio no Alentejo

10 - O Comboio em Aveiro

11 - O Chefe de Estação de Bifurcação de Lares

12 - As Ferroviárias no Alentejo

13 - O Sud Express na Linha da Beira Alta



Breve Biografia do Autor

Dario Alexandre de Sá e Silva nasceu em Vila Nova de Famalicão a 8 de Abril de 1976.

Residiu em Couto de Cambeses (Barcelos) até 2001 e desde então em Tadim (Braga).

Completo o ensino secundário no Externato Infante D. Henrique, Ruilhe Braga.

Dedicou-se à fotografia a partir de 1995.

Ingressou na Licenciatura em Comunicação Social da Universidade do Minho em 1996.

Estagiou nos jornais “Região do Minho” e “Correio do Minho” em 2000.

Fotografou a cidade brasileira de Barcelos em 2000.

Estagiou como fotojornalista no jornal Público em 2001.

Colaborou com o Jornal de Notícias entre 2002 e Março de 2004 e colabora com vários jornais regionais.

Realizou o trabalho fotográfico “Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades” da Linha do Minho e Ramal de Braga em Abril de 2004.